

Em um período de quatro anos, entre 1981 e 1984, cerca de US\$ 80 bilhões deixaram a América Latina através da fuga de capitais, declarou.

Outro dos presentes ao simpósio, o governador do Banco da França, Michel Camdessus, preconizou "ampla redução das taxas de juros reais", ressaltando que essas, em seus atuais índices, "podem apenas prejudicar a economia mundial".

Maior risco de nova moratória

A queda vertical nos preços do petróleo — que arastou ontem a libra e o dólar e ameaça provocar nova alta das taxas de juros nos mercados financeiros internacionais — poderá levar o México a decretar uma nova moratória por impossibilidade de continuar mantendo o serviço (principal e juros) de sua dívida externa. A possibilidade foi admitida, pelo ministro das Finanças, informou a UPI.

Depois de uma exposição sobre as medidas de austeridade que o México adotou para conjurar a crise de liquidez, surgida em 1982, Jesus indagou: "Como explicar a uma sociedade que suportou todo esse processo de ajustamento tão admiravelmente, quase estoiicamente, que o povo teria de suportar ainda mais sacrifícios para compensar a receita cambial pela queda nos preços do petróleo para que o país possa continuar pagando taxas de juros historicamente elevadas a seus credores?"

Interpelado por um dos banqueiros presentes à reunião, que lhe pediu para ser mais explícito sobre o limite das responsabilidades dos devedores para com os credores, o ministro mexicano advertiu que uma nova crise, pior do que a de 1982, poderá advir, afetando todo mundo, se não forem adotadas soluções rápidas e inteligentes.

Entre as medidas sugeridas figuram uma redução drástica nas taxas de juros que os bancos internacionais cobram dos países devedores, a derrubada das barreiras às exportações latino-americanas e a concessão de mais facilidade para financiamento dessas exportações pelos bancos credores. México (em 2º lugar) e Brasil (em 1º), são os maiores devedores.

DÍVIDA EXTERNA

México diz que o Plano Baker é insuficiente para resolver crise

por Peter Montagnon
do Financial Times

O ministro das Finanças do México, Jesus Silva Herzog, fez ontem, em Londres, séria crítica ao plano dos Estados Unidos para aliviar a crise da dívida dos países em desenvolvimento. "Acreditamos que seria insuficiente para atingir a meta da retomada do crescimento, continuando-se ao mesmo tempo a servir regularmente a dívida", declarou em um simpósio patrocinado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

"Estamos atravessando uma emergência, uma emergência real, a qual, caso não se aja com rapidez e sabedoria, poderá tornar o verão de 1982 (quando o México abandonou seus esforços para pagar os débitos dentro do prazo) semelhante a um período relativamente calmo e tranquilo", declarou.

O ministro ressaltou que o problema da dívida desembocou em um "irreversível" processo de politização, criando fortes pressões nos países devedores em favor de posições mais radicais para aliviar o problema dos débitos.

"Como explicar a uma



Jesus Silva Herzog

sociedade que suportou esse processo de ajuste tão admiravelmente, quase estoiicamente, que necessitamos de mais sacrifícios para compensar a queda dos preços do petróleo, a fim de que possamos continuar a pagar taxas de juros reais historicamente altas aos nossos credores?", indagou Silva Herzog.

O ministro declarou que as propostas elaboradas no ano passado pelo secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, para aliviar o problema da dívida, centralizam-se principalmente em consi-

derações sobre o fluxo de caixa e não abrangem adequadamente a urgente necessidade da restauração do crescimento econômico.

Sob as propostas, os bancos comerciais foram solicitados a emprestar US\$ 20 bilhões para os quinze maiores devedores em desenvolvimento nos próximos três anos. As instituições multilaterais de desenvolvimento forneceriam um montante análogo.

O total, entretanto, seria apenas suficiente para cobrir um terço dos juros acumulados por esses devedores sobre sua dívida

externa. Silva Herzog salientou que, dessa forma, os países continuarão enfrentando a necessidade de gerar "altos" superávits comerciais em uma base permanente.

QUEDA DO PETRÓLEO

A queda dos preços do petróleo poderá custar ao México cerca de US\$ 3 bilhões em receita perdida, disse o ministro, que se recusou porém, a esclarecer como o governo mexicano reagiria em termos de política econômica e financeira.

Silva Herzog disse também que o Plano Baker erra ao não solicitar maiores empréstimos diretos por parte dos governos credores.

As taxas de juros reais também são muito elevadas, e não foram adotadas medidas suficientes para combater o protecionismo no comércio internacional, comentou o ministro. "Apenas através da centralização nos fundamentos das taxas de juros e do comércio conseguiremos realmente solucionar o problema da dívida."

VISÃO DE LONDRES

O governador do Banco da Inglaterra, Robin Leigh-Pemberton, declarou, porém que o Plano Baker "oferece a melhor forma de avanço", conclamando os bancos comerciais a atenderem aos compromissos vinculados à proposta. Ao mesmo tempo, Leigh-Pemberton ressaltou a necessidade de um contínuo